

Uma utopia na Páscoa 3 * ABR 1994

O GLOBO

JOSÉ SARNEY

Quando, em 1989, o comunismo real (diga-se URSS) entrou em colapso, todos nós julgávamos que havíamos chegado àquilo que Beal e Mora profetizaram em livros clássicos sobre o tema: o fim das ideologias. Um mundo de paz, o "fim da História", na expressão de Fukuyama, está considerado como uma sucessão de fatos.

A Guerra do Golfo foi o teste dos novos tempos. Ali se estabeleciam as fases da nossa paz, chamada de "pan-americana". Um consenso entre as nações acabaria os conflitos localizados e conjuraria qualquer possibilidade de guerra. A ONU seria o manto protetor dessa força militar hegemônica e solitária, que eram os EUA e seus aliados.

No terreno político as palavras **revolução** e **revolta**, que dominaram as ações políticas da humanidade durante um século, cediam lugar "à governabilidade", à estabilidade, que passariam a ser os instrumentos a assegurar ganhos sociais. A ciência e a técnica, a serviço do homem, fo-

ram mais eficazes na melhoria da qualidade de vida, do que todos os sistemas políticos formulados por pensadores e ativistas de todos os matizes. Em síntese, a morte das utopias, o domínio do racional, resurgindo dentro deste o velho Kant, com o seu cínico livro político, a "Paz perpétua", baseado na razão, que sempre é inimiga da guerra.

O mundo ocidental venceu a Terceira Guerra Mundial, a que não houve, com a destruição da URSS e do comunismo. Esta visão é, hoje, considerada como também uma análise utópica. Tudo recomeça, como o dia e a noite, na lição de Confúcio. O uso da força, da revolução, como um gesto coletivo, ou da revolta, como uma ação individual, não morreu. Esses sentimentos são inatos na humanidade e não chegamos a nenhum "Fim da História", mas à continuidade da aventura do homem na face da Terra, preso à busca da imortalidade, como pensava Unamuno, ou um caçador de sonhos.

O mundo passou a ser, neste balanço de cinco anos, mais complexo do que o sistema bipolarizado. É verdade que duas idéias-forças se tornaram vitoriosas e dominarão a humanidade por muitos e muitos séculos:

a democracia e a economia de mercado. Isto não significa que a democracia seja a perfeição nem que tenha unidade. Em cada país, em cada homem, ela terá uma forma diferente. Nem o mercado resolve tudo, como escolas, hospitais, estradas etc. Porque, ser democrata, como ser cristão, é um estado de espírito. Começa dentro de cada um. O primeiro, a ter a crença, e exercê-la, de que o direito termina onde começa o direito dos outros. Respeitar as leis, conduzir-se como cidadão, usando seus direitos e cumprindo seus deveres. O cristão, buscando a paz interior, a ausência do pecado, a única fórmula da felicidade, oferecendo a outra face e rezando pelos seus inimigos. Quando isso ocorrerá? Bilhões de anos? Sim. Desde o homem das cavernas até agora foi uma longa caminhada. No dia em que o homem for democrata e cristão, não precisaremos mais de sistemas políticos, nações, fronteiras ou doutrinas. Todos estaremos submetidos ao império do bem, isto é, ao paraíso. A transformação terá de ser do próprio homem e não de povos e sistemas. Essa, talvez, seja a grande lição do cristianismo. Essa foi a grande mensagem do Calvário. João Paulo II disse que o

grande dilema nosso é querermos uma cruz sem Cristo, ou um Cristo sem cruz.

A cruz é um símbolo da vida. A ela não escapa pobre ou rico, rei ou vasalo. Todos que passam pela graça da vida têm que passar pela cruz que é a vida.

Caiu o Muro de Berlim, repito, um outro símbolo, como a Queda da Bastilha. O mundo continua. Um mundo de paz? Respondem não Bósnia, Angola, África do Sul, e a nova ameaça nuclear da Coreia. Um mundo sem violência? O corpo de Luis Donaldo Colosio, assassinado no México, diz que não.

É uma visão pessimista? Não. É a certeza de que continuamos a missão de estarmos conscientes de que devemos lutar pelos ideais democráticos e cristãos. Um dia este planeta azul será um mundo só, e o espírito de Deus boiará sobre os homens. Eles serão as últimas águas da Criação.

É bom ter sempre uma utopia, melhor ainda, no Domingo da Ressurreição.

José Sarney é senador pelo Amapá